PÓLEMOS

O HOMEM COMO PRINCÍPIO, CENTRO E FIM DA RELIGIÃO

A essência do cristianismo segundo Ludwig Feuerbach

Vítor Rodovalho Amaral

Graduando em Filosofia
Universidade de Brasília

RESUMO

Neste artigo pretendemos apresentar – e não defender – as principais teses de Feuerbach em sua mais famosa obra, "A essência do cristianismo" (1841), em especial a tese de que Deus é a projeção inconsciente e involuntária dos atributos essenciais da natureza humana. Para Feuerbach, Deus não possui existência externa ou independente do homem, mas é a própria essência humana objetificada, porém confundida com uma essência transcendente. Assim, mostraremos que o desenvolvimento desta tese culmina, para Feuerbach, na revelação dos principais "segredos" e "contradições" do cristianismo, permitindo ao homem a "reapropriação" de sua essência alienada em Deus. Desenvolvendo esse pressuposto, Feuerbach apresenta o papel central da imaginação na religião, sua relação com os desejos e sentimentos do coração humano, bem como a felicidade como o fim último da religião. Com isso, o filósofo pretende provar que o homem é o princípio, centro e fim da religião, e que esta se reduz inteiramente à antropologia.

Palavras-chave: Feuerbach; Crítica da religião; Projeção; Antropomorfismo; Antropoteísmo.

ABSTRACT

Our objective in this article is only to present – not to defend – the main Feuerbach's thesis found in his most famous work, "The essence of christianity" (1841), especially the thesis that God is an unconscious and involuntary projection of the essential attributes of the human nature. According to him, God does not possess external or independent existence from man, being only the objectified human nature, confused as a transcendent essence. Therefore, we will demonstrate that the development of this thesis culminate, for Feuerbach, in the revelation of the main "secrets" and "contradictions" of christianity, allowing men to "reappropriate" their alienated essence in God. Developing this presupposition, Feuerbach presents the central role of the imagination in religion, its relation with the desires and feelings of the human heart, as well as the happiness as the ultimate goal of religion. Therewith, the philosopher intends to prove that men is the principle, the center and the end of religion, and that religion can be totally reduced to anthropology.

Keywords: Feuerbach; Criticism of religion; Projection; Anthropomorphism; Anthropotheism.

Introdução

Ao contrário de grande parte das tradições filosóficas, religiosas e teológicas da humanidade, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) não concebia a questão acerca da existência de Deus enquanto "magnum mysterium". Do mesmo modo que uma equação matemática, uma vez resolvida nos confere uma resposta definitiva e capaz de eliminar o próprio problema, Feuerbach pretendia

ter resolvido a "equação da religião". Sua resolução daria-se a partir de uma "descoberta" axial, a saber: *Deus nada é, senão uma projeção involuntária e inconsciente da própria essência humana*.

Sua confiança iluminista no poder da razão o dava a convicção de que poderia, através de sua obra, extirpar a ilusão coletiva de que Deus teria uma existência independente e externa ao homem. O legado de sua obra corresponderia, assim, à saída da humanidade de sua "minoridade", de uma infância marcada pela inconsciência, ilusão e erro, dando espaço à aurora de um novo tempo em que deveria imperar as "luzes da razão" e em que a religião não mais deveria alienar a essência humana, mas sim devolvê-la ao homem, que deveria assumir uma vida totalmente sem Deus e sem as "ilusões" da religião.

Se pudermos colocar à parte as pretensões desmedidas de Feuerbach, seus preconceitos iluministas e seus posicionamentos anticristãos não fundamentados, poderemos encontrar no filósofo alemão uma linha de argumentação sustentando suas teses, e é esta que nos ocupará neste artigo.

Devemos ressaltar que Feuerbach é um dos maiores representantes do que normalmente denominamos como processo de "secularização", iniciado no fim do medievo e continuado com o "Renascimento", a "Reforma Protestante" e o "Iluminismo". Assim, suas ideias possuem uma orientação claramente iluminista, concedendo por vezes à razão um papel central e até mesmo salvífico. A grande deusa dos iluministas, a saber, a Razão, teria permitido a Feuerbach atestar a inexistência de Deus enquanto um fato cartesianamente "claro e distinto", de modo a esvaziar totalmente o cristianismo de seu conteúdo sobrenatural, sobre-humano e transcendente, para compreendê-lo como inteiramente natural, antropomórfico e imanente.

Apesar de tudo isso, o cristianismo jamais sucumbiu realmente. Este fato incomodava profundamente Feuerbach, mas também o movia a consumar a obra cujo objetivo maior era a demolição completa do cristianismo, que não deveria terminar até que seu último "fantasma" ainda rondasse a Europa:

> [...] nossa época e a nossa teologia continuam, [...] dada a sua hesitante mediocridade e falta de caráter, a ser assombrada pela essência sobrenatural e supra-humana do velho cristianismo, pelo menos como um fantasma na cabeça. (FEUERBACH, 2002, p. 5).

Embora tenha sido a primeira forma de autoconhecimento do homem, porque nele a sua essência se tornou conhecida indiretamente como essência de Deus, o cristianismo implica, para

Feuerbach, em um problema grave: ele acaba "alienando" o homem de si próprio, porque o separa de sua essência, uma vez que esta é atribuída a outro ser, isto é, a Deus. Esse processo chama-se projeção e o conhecimento de sua existência e funcionamento culmina no antropoteísmo de Feuerbach, o qual consiste na tese de que Deus é na verdade a própria essência humana. Com essa crítica, Feuerbach pretendia restituir ao homem a sua essência perdida – reapropriá-la seria a tarefa última do autoconhecimento que emanaria de sua obra. Desse modo, o homem deveria cessar de projetar sua essência e reconhecê-la em si mesmo. Só assim poderia "tornar-se no que realmente é", conforme dizia Píndaro.

Esse caminho deveria passar ainda pelo reconhecimento de dois princípios centrais do cristianismo, e que também iremos analisar: o "Princípio da felicidade" e a "Onipotência do coração". Para Feuerbach, o coração do homem é onipotente – pois ele não apenas crê, mas tem certeza de que pela oração, todos seus desejos serão realizados. Pressionada pelo coração onipotente, a imaginação humana, que é a razão em sua forma sensível, escamoteia a própria razão, e fabrica imagens que correspondem aos desejos últimos do coração do homem. É deste modo que surge Cristo – que é a imagem do coração divino que realiza os desejos do coração humano – um ser representado como pessoal e divino que se importa e ama o homem e também atende suas orações. Por isso, o sentimento, que provém do coração, é o órgão essencial da religião – Cristo é essencialmente um coração e também a essência do cristianismo. Além disso, o cristianismo é a concretização do "Princípio de felicidade", pois a religião está engajada na felicidade humana, e seu fim é o bem-estar, a salvação e a bem-aventurança do homem.

A essência do cristianismo

A pedra fundamental da "Essência do cristianismo", e também o primeiro passo dado por Feuerbach na direção de uma crítica da religião é a afirmação de que Deus é a objetificação inconsciente e involuntária da essência humana. Em outras palavras, Deus seria uma projeção da natureza humana, e não um ser transcendente e externo. É verdade que o cristianismo sempre sustentou a separação radical entre criador e criatura. Entretanto, a tese de Feuerbach é de que, em última análise, não se pode separar homem e Deus. Se o último é uma projeção do primeiro, então não é possível que sejam duas coisas separadas ou independentes. Na verdade, Deus só encontra seu ser no homem, do mesmo modo que uma sombra

não pode ser projetada sem um objeto. Assim, embora possamos distinguir Deus e homem, não podemos separá-los. Além disso, a distinção que se faz entre os dois está unicamente fundada na imaginação.

Para desenvolver essas teses, recorreremos à antropologia de Feuerbach, que está fundada na pressuposição de que o homem é composto por três atributos essenciais: a razão, o coração e a vontade. Esses três atributos constituem a natureza humana, e oferecem uma explicação razoável das nossas faculdades – o homem é capaz de pensamento (razão), de sentimento (coração) e desejo (vontade). A razão também existe nas suas formas sensíveis, de modo que a imaginação também é uma faculdade humana. Feuerbach também chama esses três atributos essenciais de perfeições, pois não estão limitadas por nada de fora, são completas e autossuficientes.

A projeção ocorre porque, de modo inconsciente e involuntário, esses três atributos são objetificados, ou melhor, projetados em um outro ser, supostamente externo, separado e independente, e portanto, também dotado de razão, coração e vontade, mas que é na verdade a própria essência humana. Na religião, portanto, o homem relaciona-se com sua essência como se essa fosse uma essência diferente, mas Deus é o próprio homem e não um ser com existência própria.

Faz parte da natureza humana, segundo Feuerbach, essa capacidade de nos relacionar com a nossa própria essência como se ela estivesse fora, como se fosse um tu: "O homem é para si ao mesmo tempo eu e tu; pode colocar-se no lugar do outro, precisamente porque tem como objeto [...] o seu gênero, a sua essência." (FEUERBACH, 2002, p. 10). Essa capacidade é a própria consciência, e é ela que nos difere dos animais.

Para chegar a nos diferenciar, ou seja, a termos consciência de nós mesmos, precisamos de um tu: a consciência do eu é simultânea à consciência do tu, pois é através do objeto que conhecemos nossa própria essência. Em outras palavras, se projetamos nossa essência no objeto, podemos conhecer essa essência através do próprio objeto.

O grande problema para Feuerbach é que na religião, o homem não tem consciência dessa projeção: ele não sabe que é a sua essência e a toma como uma essência diferente. Por isso, na religião o homem está cindido consigo mesmo, e a sua essência está alienada dele, de modo que considera Deus um *ganz andere*, isto é, um totalmente outro.

Desse modo, Deus é apresentado como o oposto do homem: o homem é criatura e Deus criador; o homem é finito e Deus infinito; o homem é limitado e Deus onipotente; o homem é mau e Deus é bom;

o homem é pecador e Deus é santo. Tudo que o homem nega em si ele coloca em Deus. Para enriquecer Deus, o homem deve se empobrecer.

Entretanto, ao contrário do que se concluiria, ao se empobrecer, o homem religioso acaba se enriquecendo, uma vez que Deus não é indiferente ao homem – ele é objeto do amor divino, e Deus quer a salvação eterna e o bem supremo do homem. Com isso, ele torna-se objeto de um objeto:

> O homem – eis o segredo da religião – objetiva-se e torna a fazer de si objeto desta essência objetivada, transformada num sujeito; ele pensa-se, é objeto para si, mas como objeto de um objeto, de um outro ser. [...] O homem é um objeto de Deus. (FEUERBACH, 2002, p. 36).

Feuerbach sintetiza essa percepção a partir da imagem da sístole e diástole. A dinâmica da vida religiosa assemelha-se ao pulsar do coração: assim como as artérias levam o sangue às extremidades mais periféricas do corpo e a atividade das veias o traz de volta para o coração, na sístole o homem se nega, se considera finito, pecador, mas na diástole é amado, é perdoado, é objeto do amor divino. Assim, no cristianismo, o homem parece ser profundamente rebaixado, mas é na verdade sumamente elevado. Tudo que o cristão renuncia, ele recupera depois de modo mais pleno.

Esse movimento da sístole e diástole é exemplificado pela projeção do atributo da razão de um lado e do coração do outro. Como já dizemos, Deus é a projeção dos atributos essenciais da natureza humana, que é constituída por razão, coração e vontade. A projeção do atributo da razão é para o cristão Deus-Pai, a essência mais distante, abstrata e metafísica de Deus. A razão corresponde à lei, que é fria e imparcial. Assim, Deus enquanto razão, é moralmente perfeito, é a perfeição da lei. Ora, se o homem é o oposto de Deus, logo é pecador e moralmente imperfeito. O homem não é como deveria ser, e isso em uma primeira análise significa a infelicidade, nulidade e condenação do homem.

Entretanto, o homem não objetifica apenas a razão – ele objetifica também o coração. Em outras palavras, Deus não se reduz à essência fria, distante e imparcial da razão e da lei. Deus é também Filho, e Cristo é essencialmente um coração, o sentimento humano objetificado. Deus como filho ama o homem e o perdoa. Portanto, onde a razão e a lei condenam, o coração perdoa e é misericordioso. O amor se torna o mediador entre o homem e Deus, do mesmo modo que Deus-Filho media a relação entre o homem e Deus-Pai.

Por isso, o Deus verdadeiro e concreto da religião é Deus-Filho. Para o cristão, Deus é essencialmente um coração.

Somente um Deus dotado de sentimento é capaz de se compadecer pelo homem e ser afetado pelo seu sofrimento. Ou seja, relacionar-se com uma essência fria e distante não gera religião.

É nesse ponto que o maior "segredo" do cristianismo emergiria– a encarnação de Cristo revela a humanidade de Deus. Cristo é a imagem do próprio homem. Segundo Feuerbach, é evidente que o homem religioso não percebe isso, pois se o percebesse deixaria de sê-lo. Para o cristão, Cristo é homem e Deus ao mesmo tempo. Mas o segredo por detrás da encarnação é que ele é apenas homem.

Feuerbach nega que Deus seja um ser diferente do homem ou sobre-humano. Na verdade, o fato de Deus amar o homem, se importar, se humilhar e se rebaixar por ele revela apenas que ele é o próprio homem. Assim, o amor de Deus pelo homem é o amor do homem por si mesmo. O homem é, segundo Feuerbach, o começo, o centro e o fim da religião. O objetivo central da religião é a felicidade, e a maior prova disso é a "Onipotência do coração", que corresponde ao segredo da oração.

A oração é o ato essencial da religião. Para o cristão, a oração é onipotente – pois através dela ele não apenas crê, mas tem certeza de que seu coração será ouvido, que seus desejos serão atendidos. A garantia disso é dada porque Deus ama o homem e é a objetivação do coração humano na imagem de Cristo. Assim, para o coração do cristão, nada é impossível, pois o seu coração é onipotente. A natureza não é nenhum impedimento – Deus pode interferir nas leis da natureza e produzir qualquer efeito desejado. A fé no poder da oração é a fé no poder do milagre, e corresponde à essência da fé em geral, que é a onipotência:

> A essência da fé, que se pode confirmar através de todos os seus objetos até ao mais especial, é a seguinte: o que o homem deseja, existe – ele deseja ser imortal, logo, é imortal; deseja que exista um ser que é capaz de tudo o que é impossível à Natureza e à razão, logo, um tal ser existe. (FEUERBACH, 2002, p. 153).

A lei suprema do coração é, portanto, a conversão imediata de toda vontade em fato e de todo desejo em realidade. É evidente que o coração do homem não é realmente onipotente, mas opera como se fosse. A imaginação media a conexão entre o coração e a realidade. A imaginação, que é a própria razão sensível, imagética e sentimental do homem, sob a pressão do coração, ignora o princípio de realidade, isto é, a razão, e produz imagens conforme os desejos e sentimentos últimos do coração humano. A mais importante de todas essas imagens é Cristo, que é a um só tempo a objetificação do coração humano, a imagem de Deus e a essência do

cristianismo. Cristo realiza não só o desejo do homem de que exista um Deus, mas também de um Deus que ame o homem e ouça suas orações. Cristo realiza esse desejo plenamente de duas formas: primeiro, por ser uma pessoa, ele se apresenta como um ser sensível e visível, razão pela qual o cristão pode estar certo da existência de Deus. Em segundo lugar, pela paixão de Cristo na cruz o homem obtém a confirmação de que ele não é insensível, mas tem um coração e ama o homem, e por isso é capaz de se compadecer do sofrimento humano e atender seus pedidos e orações.

Mas se Cristo é imagem, logo a imagem também é a essência do cristianismo, e o que há de mais característico na religião. É verdade que para Feuerbach não há nada por detrás das imagens – elas são as únicas coisas que realmente existem – mas o poder delas sobre o coração é inteiramente capaz de satisfazer os desejos e sentimentos humanos. A graça, o milagre e a providência nada são para Feuerbach, exceto ilusões ou acasos mistificados – o poder do milagre é o poder da imaginação: "O milagre é sem sentido, é impensável para a razão, tão impensável quanto um ferro de madeira, um círculo sem circunferência." (FEUERBACH, 2002, p. 155).

O milagre para Feuerbach é apenas a objetivação da fé subjetiva. A fé afirma a subjetividade pura e ilimitada, e submete através do milagre o mundo objetivo e a natureza. Deus enquanto Deus submete a natureza, pois ele é espírito, isto é, ele é a não-natureza. Ele está no fim de tudo que é sensível, e é a imagem da subjetividade humana desprendida de todas as limitações, de toda dependência e contrariedade da natureza. Ele é produto da fantasia, que nada mais é do que a sensibilidade ilimitada. A onipotência de Deus pode ser definida como a "[...] subjetividade que se desvincula de todas as determinações e limitações objetivas." (FEUERBACH, 2002, p. 120).

Entretanto, a objetificação dos atributos essenciais da natureza humana ocorre apenas com modificações quantitativas, e não qualitativas – a essência de Deus é a essência do próprio homem, mas liberta de todas as limitações da natureza: "Deus é e tem tudo o que o homem é e tem, mas num grau infinitamente ampliado [...]" (FEUERBACH, 2002, p. 265). Feuerbach exemplifica essa diferença quantitativa a partir da onisciência divina:

> [...] entre a onisciência divina e o meu saber, existe somente uma diferença quantitativa; a qualidade do saber é a mesma. [...] A fantasia apenas elimina as limitações da quantidade, não da qualidade. Afirmar que o nosso

> saber é limitado significa que nós só sabemos algumas coisas, poucas coisas, não tudo. (FEUERBACH, 2002, p. 266).

A suposta diferença qualitativa entre o homem e Deus dá também suporte à tese da teologia de que Deus é incognoscível. A representação de Deus com atributos humanos, ou seja, o antropomorfismo é justificado pela teologia como conseqüência inevitável de nossa incapacidade de conhecer Deus, dada a limitação de nossa razão, a qual diferiria não apenas quantitativamente de Deus, mas também qualitativamente. Por isso seria preciso distinguir o que Deus é em si e o que é para o homem, de modo que o antropomorfismo seria uma mera representação de Deus que não atinge a sua essência, mas que é adequada para o fim da religião. Nosso conhecimento real de Deus seria inteiramente negativo, de modo que as suas determinações positivas seriam desconhecidas.

Entretanto, Feuerbach argumenta que negar as determinações positivas de Deus implica, na verdade, em negar a existência de Deus, pois só tem existência para o homem aquilo que tem atributos positivos. O que não tem qualidades tampouco tem existência. Além disso, para Feuerbach não faz sentido fazer a distinção entre o que Deus é em si e o que é para o homem, pois Deus só tem existência na medida em que é o que é para o homem. Toda essência, inclusive a humana deve ser perfeita, isto é, completa, autossuficiente e não limitada por nada de externo. Assim, Deus é somente aquilo que se mostra para o homem – e o que se mostra para o homem é unicamente a sua própria essência objetificada.

Conclusão

Com o desenvolvimento da análise e crítica da religião apresentada em “A essência do cristianismo”, Feuerbach pretende ter demonstrado que a chave para a compreensão do fenômeno religioso é a antropologia. Para Feuerbach, a religião é um fenômeno inteiramente humano, que pode e deve ser explicado unicamente através do homem, e não de qualquer espécie de transcendência. A religião é totalmente imanente, e está fundada na projeção inconsciente e involuntária da essência humana em Deus.

Além disso, o coração, isto é, o sentimento, é a essência do cristianismo, e é ele que submete a imaginação aos seus desejos e caprichos, fazendo-a produzir imagens conforme sua vontade imperiosa e onipotente, dentre as quais Cristo seria a fantasia suprema do coração humano. Cristo é um coração, a imagem de Deus e a essência do cristianismo, o desejo último

do coração humano realizado. A finalidade última da religião é a felicidade do homem.

O movimento pelo qual Feuerbach demonstra essas teses começa pela exposição dos "segredos" do cristianismo, na primeira parte intitulada "A essência do cristianismo no seu acordo com a essência do homem" e termina com as contradições da teologia, na parte intitulada "A religião na sua contradição com a essência do homem".

Na primeira parte, Feuerbach defende que há uma explicação natural para cada mistério "sobrenatural" do cristianismo, como a encarnação de Cristo, o mistério da Santíssima trindade, os milagres, entre outros. Na segunda parte expõe como a teologia, ao racionalizar a fé, a fim de tentar salvar o cristianismo da sua ruína, acaba criando insuperáveis contradições. O cristianismo primitivo prescindia da teologia – por isso ainda se sustentava, pois nele a razão era apenas serva da revelação. Mas pressionado pela descrença, o cristianismo moderno teve que se afastar do cristianismo das origens, e se valer de argumentos cada vez mais sofísticos.

Assim, para ele, o cristianismo moderno deveria ser inteiramente abandonado e demolido, a fim de "assumirmos" a nossa própria essência humana, que seria ela mesma perfeita – isto é, completa, autossuficiente e não limitada por nada de fora. Em outras palavras, para Feuerbach, a essência humana é "divina", em um sentido natural e imanente. Desse modo, embora a religião tenha sido uma etapa necessária no autoconhecimento da humanidade, ela não tem mais como se sustentar. Assim, para Feuerbach, o único culto que se deve prestar é ao gênero humano, onde cabe a cada indivíduo realizar as potências finitas do gênero humano infinito. Eis, portanto, a profissão de fé de Feuerbach: o homem enquanto princípio, centro e fim da religião.

Referências bibliográficas

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo***.** 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

HARVEY, V.A. *Feuerbach and the interpretation of religion*. New York: Cambridge University Press, 1995.

HARVEY, V. *Ludwig Andreas Feuerbach*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy ed. Fall 2011. Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/ludwig-feuerbach/>. Acesso em: 24 jul. 2017.

REDYSON, D.; CHAGAS, E.F; PAULA, M. G. *Ludwig Feuerbach:*

filosofia, religião e natureza. São Leopoldo: Editora Nova Harmonia, 2011.

TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo.* São Paulo: Edições Loyola, 2015.

WARTOFSKY, M. W. *Feuerbach.* New York: Cambridge University Press, 1977.

ZILLES, U. *A crítica da religião.* Porto Alegre: Est edições, 2009.